

A rua como lugar de apropriação e experiência: o caso da Vila Belga em Santa Maria, no Rio Grande do Sul

The street as a place of appropriation and experience: the case of Vila Belga in Santa Maria, in Rio Grande do Sul

La calle como lugar de apropiación y experiencia: el caso de Vila Belga en Santa María, en Rio Grande do Sul

Milena Rubin Magoga, mestra em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutoranda em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: milena.rubinmagoga@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-6428-0265>

Josicler Orbem Alberton, doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta da UFSM.

E-mail: josicler.alberton@ufsm.br  <http://orcid.org/0000-0001-8645-2013>

Verônica Garcia Donoso, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: veronica.donoso@ufsm.br  <http://orcid.org/0000-0002-4856-8370>

Para citar este artigo: MAGOGA, M. R.; ALBERTON, J. O.; DONOSO, V. G. A rua como lugar de apropriação e experiência: o caso da Vila Belga em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 111-128, 2025.

DOI 10.5935/cadernosplos.v25n1p111-128

Submissão: 2024-03-30

Aceite: 2024-10-29



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

v. 25 n. 1 JAN./JUN. 2025 • ISSN 1809-4120

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau>

DOI 10.5935/cadernosplos.v25n1p111-128

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o procedimento metodológico utilizado para observar e analisar o uso e apropriação da rua na Vila Belga, localizada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A metodologia envolve principalmente dois métodos: o primeiro, denominado de "Constelações de Instantes", propõe um olhar sobre as particularidades e subjetividades que influenciam diretamente o uso do espaço público. O segundo, a cartografia, gera peças gráficas que representam a análise do espaço estudado. O procedimento metodológico permitiu uma nova forma de contato e leitura das peculiaridades do lugar, bem como a identificação de padrões de ocupação e apropriação da rua. As considerações finais apontam para a relevância da metodologia para o olhar sobre o espaço público a partir das singularidades do lugar.

Palavras-chave: Constelações de Instantes; Apropriação; Rua; Vila Belga; Espaço público.

Abstract

The aim of this article is to present the methodological procedure used to observe and analyse the use and appropriation of a street in Vila Belga, located in Santa Maria, in Rio Grande do Sul. The methodology mainly involves two methods: the first, called "Constellations of Instants", proposes a look at the particularities and subjectivities that directly influence the use of public space. The second, cartography, is the production of graphic pieces that represent the analysis of the space under study. The methodological approach has allowed the identification of patterns of occupation and appropriation of the street, as well as a new way of approaching and reading the peculiarities of the place. The concluding reflections point to the relevance of the methodology for approaching public space from site specificities.

Keywords: Constellations of Instants; Appropriation; Street; Vila Belga; Public space.

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar el procedimiento metodológico utilizado para observar y analizar el uso y apropiación de una calle en Vila Belga, ubicada en Santa María, en Rio Grande do Sul. La metodología involucra principalmente dos métodos: el primero, denominado "Constelaciones de Instantes", propone una mirada a las particularidades y subjetividades que influyen directamente en el uso del espacio público. La segunda, la cartografía, es la producción de piezas gráficas que representan el análisis del espacio en estudio. El abordaje metodológico ha permitido identificar patrones de ocupación y apropiación de la calle, así como una nueva forma de abordar y leer las peculiaridades del lugar. Las reflexiones finales apuntan a la relevancia de la metodología para abordar el espacio público desde las especificidades del sitio.

Palabras clave: Constelaciones de Instantes; Apropiación; Calle; Vila Belga; Espacio público.



INTRODUÇÃO

As ruas desempenham papel central na estrutura e dinâmica das cidades, funcionando como elementos vitais para a vida urbana. Quando ocupadas, transformam-se em locais de diversidade, proporcionando experiências que vão além de seus limites físicos. Entretanto, as vias das cidades contemporâneas nem sempre são lugares convidativos e acolhedores para atividades de lazer e permanência. Contudo, existem espaços onde a rua pode ser encarada como uma extensão da casa, apropriada e utilizada ativamente pelos habitantes (Vogel; Mello, 1981; Jacobs, 2007; Gonçalves, 2020).

O presente artigo é um fragmento da pesquisa de mestrado intitulada *Entre ruas e singularidades: uso e apropriação do espaço público na Vila Belga em Santa Maria - RS*, que busca dialogar sobre as dinâmicas de uso e apropriação do espaço público da rua na Vila Belga, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Durante o processo da pesquisa, as observações de campo, baseadas no modo de fazer cartográfico e inspiradas em autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, tiveram grande importância na constituição de informações e conhecimento sobre a apropriação no estudo de caso.

Na Vila Belga, conjunto arquitetônico construído no início do século XX, as ruas assumem diferentes usos e particularidades, com características singulares, oferecendo outras maneiras e possibilidades de apropriação e apreensão, as quais diferem de grande parte dos espaços públicos do restante da cidade onde está localizada. Os elementos arquitetônicos, os componentes da paisagem, as apropriações e os detalhes do lugar emergem através do olhar lento e cuidadoso, concebendo um cenário rico de estímulos. Assim, devido às características singulares observadas, é importante considerar um método atento às particularidades do local que seja capaz de acolher tais aspectos no processo de pesquisa.

O artigo objetiva apresentar o procedimento metodológico intitulado “Constelações de Instantes” e como ele foi utilizado, juntamente com a cartografia, para observar o uso do espaço público da rua no estudo de caso proposto. Dessa forma, contempla-se a rua não apenas em sua complexidade para além de suas características funcionais, mas também como lugar de vivências, encontros e experiências diversos.

Assim, o artigo visa discorrer sobre a seguinte pergunta: “Como a compreensão sobre a apropriação das ruas pode ser aprofundada através do olhar sobre as particularidades do lugar?”. Para tal, em um primeiro momento, discorre-se sobre as temáticas que envolvem a rua, sua apropriação e constituição como um lugar de experiência. Após, é apresentada e contextualizada a Vila Belga, estudo de caso desta pesquisa. Em um terceiro momento, é esclarecido o procedimento metodológico, bem como os resultados obtidos.



RUA: APROPRIAÇÃO E EXPERIÊNCIA

As ruas podem ser consideradas as principais estruturadoras do traçado e da forma das cidades, além de funcionarem como elementos vitais no espaço urbano, abrigando diversos fins, que transcendem os usos formais e rigorosamente planejados (Jacobs, 2007, p. 29). Nessa conjuntura, os espaços livres das ruas podem ser palco tanto para os pequenos episódios do cotidiano como para os grandes acontecimentos espontâneos. Dessa forma, é na esfera pública que o espaço assegura a existência de uma essência autônoma, que ultrapassa a ordem e a racionalidade imposta (Vogel; Mello, 1981; Queiroga, 2012).

As apropriações dos espaços públicos são influenciadas por fatores subjetivos, culturais e sociais, moldando a cidade de acordo com as necessidades e os desejos dos habitantes. Essas atividades espontâneas promovem dinamismo e adaptabilidade, muitas vezes refletindo as demandas da comunidade local (Mendonça, 2007; Queiroga, 2012). Nesse sentido, quando ocupada, a rua se torna um lugar de intensa multiplicidade, proporcionando experiências das mais diversas formas.

No encontro com os espaços da cidade, o indivíduo comprehende e absorve o mundo à sua volta. De acordo com Larrosa (2015), a experiência é tudo aquilo que acontece e toca o indivíduo: requer pausa, reflexão e atenção aos detalhes. Entretanto, na sociedade contemporânea, observa-se a incansável busca por renovação, produtividade e constante aceleração do tempo. Os estímulos se limitam a instantes breves, fugazes e passageiros, experienciados de maneira rápida e repetitiva. Apesar da abundância de acontecimentos, poucos têm impacto direto e significativo nas pessoas (Larrosa, 2015).

Nesse cenário, o indivíduo que se expõe à experiência também se torna receptivo à possibilidade de transformação. O conhecimento advindo da experiência é pessoal e singular, uma vez que cada pessoa a vivencia de forma única (Larrosa, 2015). Assim, a vida no ambiente urbano sustenta diversas experiências individuais, enquanto simultaneamente as conecta por meio de experiências coletivas.

A experiência humana com o ambiente construído é intrinsecamente multissensorial. Uma vez que o corpo humano está constantemente interagindo com seu entorno, as características espaciais e materiais, as texturas e as escalas são igualmente percebidas. Na paisagem contemporânea, existe uma quantidade expressiva de informações, que contemplam diferentes cheiros, sons, texturas e cores, conhecidos ou não pelos habitantes de um lugar. Por meio da experiência sensorial e corporal, os indivíduos apreendem o ambiente em sua totalidade, em uma troca contínua que instiga percepções e compreensões únicas (Pallasmaa, 2011).

Gonçalves (2020) destaca a relevância das experiências vivenciadas diária e coletivamente nas cidades. De acordo com o autor, somente por meio da vivência física, sensível, aberta e desarmada é possível compreender as complexidades e potencialidades de cada espaço urbano (Gonçalves, 2020).



Assim, em meio às muitas considerações funcionais e formais na análise do espaço público, surge a necessidade de abordagens alternativas de apreensão urbana, partindo da interação entre o corpo físico e o corpo da cidade, bem como de suas respectivas materialidades. Nesse sentido, (re)conhecer a cidade com base na experiência parte do desejo e da abertura essencial.

Partindo da complexidade de mapear e delinear as subjetividades e vivências urbanas, surge a cartografia, delineada por autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik. Embora as cartografias de Deleuze e Guattari, de um lado, e de Suely Rolnik, de outro, apresentem diferenças filosóficas e conceituais, ambas amparam as reflexões propostas neste trabalho. Essas duas abordagens, apesar de distintas, complementam-se ao fornecerem ferramentas tanto para entender os fluxos urbanos quanto para captar as vivências subjetivas que emergem no cotidiano da cidade.

A palavra “cartografia” surgiu pela primeira vez na língua portuguesa em 1839, em uma correspondência, referindo-se inicialmente à elaboração de mapas e cartas. Embora o uso tradicional do termo esteja associado à ciência geográfica, que se ocupa da formulação de representações planas, simplificadas e geométricas da superfície terrestre, outros autores propõem abordagens distintas. Para além do seu significado convencional, a cartografia pode ser reinterpretada como um meio de mapear territórios subjetivos e afetivos, considerando as dinâmicas de transformação constantes desses espaços.

Para determinar e, simultaneamente, desconstruir o termo cartografia, é preciso citar o primeiro volume de *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, em que Deleuze e Guattari (1995) apresentam o conceito de cartografia não como uma metodologia de pesquisa, mas sim como uma maneira de pensar e acompanhar processos. Para os autores, trata-se de uma experiência direcionada para o real, um mapa mutável repleto de sentidos. Assim, ao acompanhar os processos e seus movimentos, o cartógrafo se ampara de diversas fontes e referências, as quais não precisam ser apenas escritas e teóricas: qualquer material pode se tornar objeto de expressão e constituir elementos integrantes de sua atividade (Deleuze; Guattari, 1995).

No livro intitulado *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, de Sueli Rolnik (2016), o trajeto traçado pela cartografia não possui início, meio e fim. Em contrapartida, percebe as movimentações nem sempre visíveis e previsíveis que acontecem no espaço urbano, o qual pode ser encarado como um objeto de estudo variável e experimental. Nesse contexto, a cartografia se revela como a prática da micropolítica: não atua como um mapa que interpreta apenas o plano visível, mas também reconhece as subjetividades e intensidades. Assim, o plano é considerado “pedaço de iminência” (Rolnik, 2016, p. 62). A prática cartográfica registra não só o lugar, mas também os elementos que o constituem, sem descarte ou distinção de valor.



As descobertas do espaço ocorrem simultaneamente aos processos de transformação das paisagens psicossociais, sendo a cartografia uma representação dessas mudanças, muitas vezes imperceptíveis. A construção de afetos e sensibilidades não está sujeita a normas rígidas: qualquer influência que afete o corpo sensível do pesquisador é válida (Rolnik, 2016).

Em um processo de ampliação e abertura, o percurso cartográfico adota diversas abordagens, utilizando o próprio corpo como ferramenta. Assim, o pesquisador vive um momento de intensa experimentação espacial e temporal no espaço de estudo. Com a atenção direcionada aos detalhes, procura-se ouvir, sentir, ver e vivenciar cada instante único (Rocha *et al.*, 2017). Dessa forma, a concepção que conecta corpo, cidade e tempo atribui à prática cartográfica a plenitude da experiência urbana. As vivências diárias nas ruas deixam impressões e, em muitos casos, conseguem moldar a identidade do indivíduo e suas diversas apropriações do espaço urbano.

A Vila Belga

O procedimento metodológico foi testado na Vila Belga, um conjunto residencial histórico em Santa Maria, uma cidade média do interior do Rio Grande do Sul (Figura 1), marcada por desafios como criminalidade e crescimento desordenado. Diferentemente do restante da cidade, a Vila Belga se destaca por suas dinâmicas sociais espontâneas e um ambiente preservado, que favorece encontros e vivências únicas, tornando-a um local singular para a observação do espaço público.

Composta pelas ruas Manoel Ribas, Ernesto Beck, Doutor Wauthier e André Marques, a Vila foi construída no início do século XX e apresenta uma arquitetura de estilo eclético com elementos inspirados no *art nouveau*, composta por 84 residências térreas, geminadas duas a duas, sem recuo frontal, alinhadas diretamente com a calçada. Essas residências foram construídas pela empresa belga Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil para abrigar seus funcionários, que trabalhavam na Estação Ferroviária, que hoje está desativada (Mello, 2010).





Figura 1: Localização da Vila Belga. Fonte: Adaptada do Google Maps.

O passado da Vila Belga é marcado por momentos significativos: primeiramente, a chegada da ferrovia à cidade, influenciando a construção do lugar. Durante muitos anos, a ocupação ferroviária promoveu a apropriação e o uso das ruas da Vila. Entretanto, o término das atividades de trens de passageiros, no final do século XX, ocasionou vastos impactos na dinâmica do espaço. Mesmo assim, diante da sua importância arquitetônica, cultural e patrimonial, a Vila foi tombada em 1997. Além disso, a criação de alguns eventos, como o Brique da Vila Belga, contribuiu para preservar e promover a apropriação das ruas desse lugar histórico (Mello, 2010).

O Brique da Vila Belga, uma feira criada em 2015, partiu de uma necessidade e um desejo dos moradores de transformar as ruas do local em um espaço de encontro e economia criativa, em um momento em que a Vila sofria com algumas questões, como a negligência do poder público com manutenções de infraestrutura, a diminuição do turismo, o aumento da insegurança e o esquecimento de um patrimônio significativo para a comunidade. Ao longo dos anos, o evento cresceu gradualmente, ganhando reconhecimento e atraindo um público expressivo de toda a cidade. Essa projeção contribuiu para ressaltar o valor histórico e patrimonial da região, fortalecendo sua identidade cultural. Tal visibilidade proporciona e estimula a criatividade e a cultura, em um terreno fértil para artistas, empreendedores e pequenos produtores da cidade (Viana, 2019).

Os traços que tornam a Vila Belga um lugar único e distinto em Santa Maria não se limitam apenas à sua importância histórica e cultural, mas também aos detalhes de sua paisagem: as cores, texturas e proporções que a tornam singular. Esses elementos contribuem para uma imagem unificada do local (Figura 2).





Figura 2: Ruas da Vila Belga. Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Nesse contexto, buscaram-se procedimentos metodológicos que não se limitassem a questões técnicas, dados e números, muito menos à racionalidade imposta no levantamento de um traçado urbano puramente formal e material. Propõe-se uma outra forma de representação do espaço da rua, das subjetividades, das relações e das a(fe)vidades.

Procedimento metodológico

No processo aberto de análise e observação do espaço público, emerge uma abordagem alternativa de compreensão urbana, que se baseia na experiência física, sensorial e corporal. Nessa abordagem, o corpo humano se torna um elemento ativo que influencia e é influenciado durante toda a experiência, vivencia e sente a cidade de maneiras únicas. Cada uma dessas experiências revela possibilidades diversas de interação com o espaço, tornando a percepção urbana plural e subjetiva. Paola Jacques (2005), ao discutir a experiência corpórea na cidade, argumenta que o corpo físico e o corpo da cidade interagem e se encontram nos espaços públicos urbanos.

Assim, a cartografia emerge no decorrer da pesquisa como uma base que contribui para a construção de um percurso, ao encará-la não apenas como um método, mas também como uma atitude, priorizando a experiência do processo. Na análise do estudo de caso proposto neste trabalho, os mapas apresentam não apenas o aspecto visível do espaço físico, mas também as dimensões variáveis do tempo. O desafio consiste em adotar uma abordagem qualitativa para o estudo do espaço público que acolha e compreenda as particularidades do lugar.

A flexibilidade na configuração do procedimento cartográfico permite que a elaboração do método aconteça ao longo do processo investigativo. Vale destacar que a fase do método cartográfico não se resume a uma coleta de dados conclusiva e simplificadora, uma vez que abarca todo o processo de investigação

da pesquisa. Portanto, os levantamentos partem da cartografia e expandem-se em metáforas de instantes e constelações.

Assim, os instantes cartografados representam momentos únicos e intensos de experiência, desafiando a noção hegemônica de tempo linear, proporcionando uma compreensão mais profunda do lugar. Gaston Bachelard (2010), fundamentado nas ideias de Roupnel acerca da temática do tempo e dos instantes, afirma que o tempo é descontínuo, com a realidade temporal sendo a do instante. A consciência se concentra na vivência do presente, enquanto o passado e o futuro são percebidos como vastos vazios. Assim, cada constelação retrata um instante (ou conjunto de instantes) experimentado no presente, porém individualmente. Esse instante não pode ser preservado, é efêmero, não se repete e isoladamente não constitui uma lembrança completa. Bachelard (2010, p. 17) destaca que “é necessária a memória de muitos instantes para fazer uma lembrança completa”. Nesse contexto, os instantes se entrelaçam, estendendo-se uns aos outros, como uma costura inseparável da matéria.

Os instantes vivenciados são caracterizados pela concentração de experiências significativas, que quebram a linearidade do tempo, proporcionando a profunda sensação de presença e consciência do momento atual. Dentro desse cenário, a metáfora das constelações emerge para dar estrutura ao agrupamento de imagens, temporalidades, momentos, vivências, sensações e instantes.

Constelações representam agrupamentos de estrelas visíveis, identificados e nomeados ao longo da história pela humanidade. São construções culturais que podem variar entre civilizações e momentos históricos. No entanto, elas não são estruturas físicas reais no espaço, mas projeções resultantes da perspectiva da Terra em relação às estrelas. Esses agrupamentos possibilitam a divisão do céu em porções menores, conferindo ordem ao aparentemente infinito Universo e permitindo que a humanidade se localize no espaço, navegando pelo desconhecido (Redin, 2013). As “Constelações de Instantes”, propostas nesta pesquisa, têm como propósito estabelecer uma conexão entre imagens e conceitos, de forma semelhante às formas imaginadas no céu estrelado.

Assim, as observações em campo foram realizadas em dias e horários diferentes, possibilitando a percepção de particularidades e padrões de apropriação do lugar, tanto em momentos de evento como no cotidiano. Cada instante gerou uma narrativa textual e outra imagética, guiado pelos passos ilustrados na Figura 3.





Figura 3: Momentos da "Constelação de Instantes". Fonte: Elaborada pelas autoras.

- Passo 1: observação atenta.
- Passo 2: reconhecimento do lugar e assimilação das sensações e dos acontecimentos.
- Passo 3: registro com fotografias e anotações, descrevendo as experiências vividas.
- Passo 4: interpretação das imagens em uma constelação, posicionando as fotografias lado a lado, reunidas e selecionadas em uma montagem, com o objetivo de ilustrar subjetividades, materialidades, acontecimentos e momentos inesperados.

As Constelações de Instantes

A Vila Belga foi (re)visitada em quatro ocasiões distintas: a primeira ocorreu em uma manhã de sábado, durante o verão. A segunda foi em um domingo durante o Brique da Vila Belga, no outono. O terceiro momento também se deu no outono, em uma tarde de sábado. Por fim, a quarta visita ocorreu em uma tarde de quarta-feira, durante o inverno.

A Figura 4 apresenta os percursos dos quatro instantes realizados.





Figura 4: Percursos realizados durante os levantamentos de campo. Fonte: Elaborada pelas autoras.

No primeiro instante, as ruas da Vila Belga pareciam praticamente vazias, com poucas apropriações. Apesar da agradável configuração visual, o desconforto térmico de um dia muito quente de verão, aliado à falta de arborização ou bancos para descanso nas calçadas, tornava fisicamente impossível permanecer por longos períodos no espaço público. Além disso, as janelas fechadas contribuíam para a sensação de isolamento e insegurança na rua.

Já o segundo instante foi realizado durante o Brique da Vila Belga. Durante o evento, as ruas eram convidativas para a realização de atividades de permanência. Além disso, a inexistência de mobiliário fixo não parecia ser um problema, tanto para moradores quanto para visitantes, que levavam as próprias cadeiras para a calçada. O limite entre público e privado parecia diminuir: janelas e portas das casas se abriam, e o evento expandia a apropriação para as ruas do entorno imediato. Em uma das ruas da Vila, onde o evento não estava acontecendo, uma dupla de meninas vendia bijuteria de miçangas, com a mesa na calçada em frente



à casa, simbolizando o significado que o Brique traz para a região, ao beneficiar tanto a economia criativa como a apropriação e socialização.

No terceiro instante, foi possível perceber a Vila como lugar vivenciado e a rua como uma extensão da casa, dessa vez no cotidiano. Em um ambiente acolhedor, crianças ampliavam a imaginação e transformavam a rua em um *playground* informal. Além disso, moradores e visitantes ocupavam as calçadas com cadeiras de abrir, reunidas, conversando, em um amplo espaço de encontro e socialização espontânea e natural.

Por fim, o quarto instante representa um aspecto típico do cotidiano local: ao cair da tarde, os moradores se reúnem diante de suas casas, compartilhando um chimarrão e conversando em um ambiente tranquilo e acolhedor. Uma descoberta notável é a visão da Gare da Estação através do fundo de um quintal na Vila, acrescentando uma nova perspectiva à paisagem.

Os destaques identificados estão ilustrados na Figura 5.



Figura 5: Destaques das “Constelações de Instantes”. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Cada momento foi explorado por meio da interação entre o “corpo cidade” e o corpo humano, utilizando uma abordagem cartográfica. Isso permitiu uma compreensão mais profunda e pessoal do estudo de caso, ao focar os detalhes



e as sensações do lugar. Diversos momentos e detalhes se destacaram, como as crianças brincando na calçada ou o aro de basquete preso à grade de uma janela, que pode simbolizar o conflito entre a proteção do espaço privado e o uso público da rua. Os quatro instantes revelaram atmosferas distintas, experienciadas de forma lenta e única, proporcionando sensações e descobertas singulares. As observações realizadas visam ampliar a compreensão do lugar, considerando elementos como horário e temperatura que influenciam diretamente na dinâmica da rua e na forma como as pessoas a utilizam. As imagens capturadas refletem características únicas e atmosfera peculiar de cada momento vivenciado nas ruas da Vila Belga.

A partir dos levantamentos e das observações realizadas em campo, nota-se que a apropriação (ou a não apropriação) do espaço público na Vila Belga é influenciada por diferentes fatores. Os instantes expostos revelam elementos cruciais para compreender como o espaço é utilizado, além dos desafios enfrentados nesse processo. Assim, a dinâmica de uso do espaço público no estudo de caso pode ser dividida em dois momentos principais: o evento e o cotidiano.

Os eventos atraem pessoas que normalmente não frequentam a região, tornando-se os principais motivadores de visitação. Durante as festividades que ocorrem na rua, é perceptível a diminuição das fronteiras e barreiras entre público e privado. Nesse contexto, os estabelecimentos comerciais desempenham um papel fundamental, proporcionando espaços para que as pessoas permaneçam por mais tempo, interagindo também com a arquitetura local. Além disso, a relevância do Brique da Vila Belga pode ser percebida nas experiências de campo. A interação entre moradores e visitantes se estende até mesmo às ruas onde o evento não ocorre, promovendo convívio social. Os residentes abrem suas portas, se sentam em frente às casas, observam pelas janelas ou participam vendendo os próprios produtos.

Já durante os momentos do cotidiano, nas visitas e nos mapeamentos, foram identificados os principais tipos de apropriações, que variam entre atividades de permanência, passagem e lazer.

Nas atividades que decorrem da permanência no espaço por um período prolongado, foram observadas algumas formas de apropriação. Por exemplo, sentar-se em frente à casa em cadeiras de abrir é uma prática comum entre os moradores. Ao mover uma cadeira para a calçada, o indivíduo realiza uma alteração temporária, incorporando o objeto ao espaço público por um período limitado. Isso ocorre devido à familiaridade e afinidade com o local, bem como ao desejo de desfrutar de determinados espaços.

Na Vila, sentar no batente da porta é uma prática comum, além de ser uma opção que não requer infraestrutura específica para a atividade de permanência. Para Hertzberger (1999), a soleira proporciona uma transição suave e conecta áreas com limites territoriais claros: de um lado, o espaço público, do outro, a esfera



privada. Dentro desse contexto, os estabelecimentos comerciais e as garagens também desempenham um papel significativo ao diminuírem a fronteira entre o espaço público e o privado na Vila Belga.

Foram observadas outras atividades, como indivíduos descansando e aguardando, sem um propósito específico. Além disso, algumas pessoas e turistas apreciavam a paisagem, tirando fotos, tanto individualmente quanto em grupo.

Por sua vez, as atividades de passagem incluem pessoas que entram em suas residências ou seus estabelecimentos e saem deles, bem como aquelas que simplesmente transitam pelo espaço. Além disso, algumas pessoas caminhavam com seus animais de estimação pela calçada.

As formas de apropriação observadas estão intimamente ligadas à atmosfera e às características específicas de cada rua. Em vias onde o tráfego de veículos é reduzido e as calçadas são mais amplas, as crianças podem brincar com maior liberdade, utilizando o espaço e a criatividade a seu favor: dois chinelos de dedo podem se tornar uma goleira, e um poste de luz pode servir como esconderijo.

O Quadro 1 expõe as principais atividades observadas no cotidiano, bem como as ruas onde foram identificadas.

TIPO DE USO COTIDIANO	ATIVIDADE	ONDE
PERMANÊNCIA	Sentado no batente da porta	Ruas Doutor Wauthier e Manoel Ribas
	Sentado em cadeiras na calçada	Todas as ruas
	Descansando/esperando	Ruas Doutor Wauthier e Manoel Ribas
	Fotografando	Ruas André Marques e Manoel Ribas
	Pessoas reunidas em frente a espaço comercial ou garagem	Ruas André Marques e Manoel Ribas
PASSAGEM	Entrando em estabelecimento comercial ou residência, ou saindo deles	Ruas André Marques, Manoel Ribas e Ernesto Beck.
	Passando	Todas as ruas
	Passeando com cachorro	Ruas Ernesto Beck e Doutor Wauthier
LÚDICA	Crianças brincando	Rua Manoel Ribas
	Andando de <i>skate</i>	Rua Manoel Ribas

Quadro 1: Apropriações identificadas nas ruas da Vila Belga. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Além das atividades e apropriações observadas, foram identificadas algumas dificuldades para o uso da rua.



Um dos aspectos observados é a carência de infraestrutura, como bancos ou outros elementos urbanos que facilitam a permanência. A presença de pessoas confere uma nova dimensão aos espaços públicos, e, para encorajar isso, o mobiliário urbano desempenha um papel crucial, permitindo paradas para contemplação ou interações sociais. Sem esses recursos, os visitantes podem não se sentir incentivados a permanecer no local.

O calor durante os dias de verão também influencia significativamente na utilização do espaço na Vila. Em dias muito quentes, poucas pessoas permanecem nas ruas por longos períodos. Na única rua com arborização, alguns moradores buscam áreas sombreadas para se sentar. Além disso, o Brique é interrompido durante os meses de calor intenso, como janeiro e fevereiro.

A falta de infraestrutura adequada também afeta a acessibilidade. Calçadas e ruas irregulares, além da ausência de rampas em pontos importantes, frequentemente limitam ou impedem o uso pleno do espaço por certos grupos, como idosos, pessoas com deficiência ou famílias com crianças pequenas.

A sensação de insegurança também é um fator significativo que muitas vezes afasta os moradores dos espaços públicos da cidade. O medo das ruas tem um impacto significativo na forma como são utilizadas e apropriadas, mesmo em áreas consideradas relativamente seguras, como a Vila Belga. Os espaços interiores das residências e os quintais, protegidos por muros, grades e cercas elétricas, tornam-se opções mais atraentes para o lazer.

Na arquitetura, o sentimento de insegurança é representado também na presença de grades nas janelas, instaladas em grande parte das casas da Vila, especialmente nas ruas onde as janelas são mais próximas da calçada e, portanto, mais expostas. Além disso, durante as visitas de campo, notou-se que a maioria das portas e janelas permaneciam constantemente fechadas, o que contribuía para uma sensação de isolamento ao transitar pelas calçadas. Como consequência, perde-se a “vigilância informal” mencionada por Jacobs (20017), que ocorre quando há uma presença ativa de pessoas observando a rua. Atualmente, essa vigilância é realizada de forma remota, sobretudo por meio de câmeras instaladas pelas ruas da Vila.

Entretanto, ao contrário do que se observa em muitos ambientes urbanos, na Vila Belga as residências são concebidas não apenas para proteger seus moradores, mas também para integrá-los em uma comunidade coesa. Nessa perspectiva, a sensação de “segurança” está frequentemente associada à proximidade entre vizinhos, ao senso de comunidade e solidariedade, em que cada um se preocupa com o bem-estar do outro. Essa proteção é percebida como um esforço coletivo. Além disso, sua estrutura urbana permite que o espaço esteja conectado com o restante da cidade, possibilitando a inclusão de outras pessoas na comunidade.



Além disso, iniciativas como o Brique e as apropriações informais nos espaços públicos podem ter o potencial de enfrentar os desafios impostos pela sensação de insegurança. Ao fomentarem a coexistência com a diversidade e valorizarem a criatividade cultural, essas práticas promovem um diálogo significativo entre diferentes grupos. Isso contribui para uma convivência mais intensa com a comunidade.

A Figura 6 explicita os principais fatores que favorecem ou dificultam a apropriação na Vila.

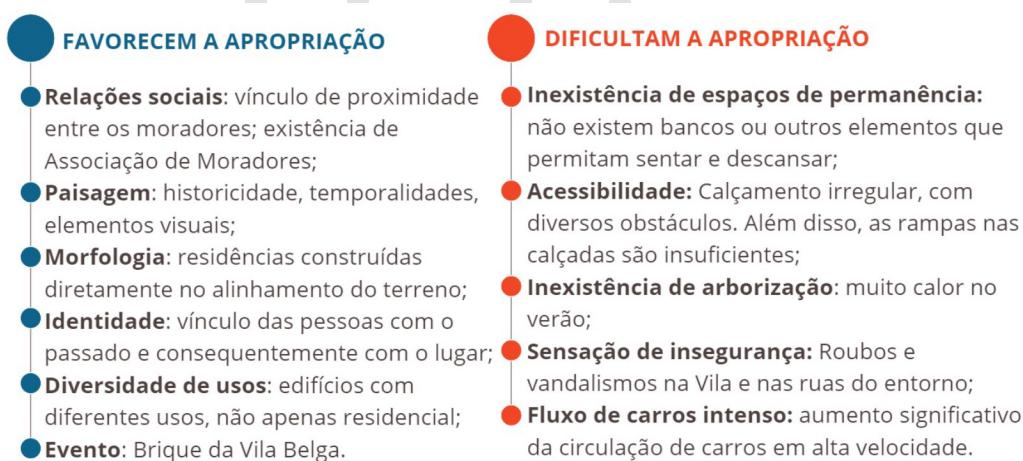


Figura 6: Elementos que favorecem ou dificultam a apropriação no estudo de caso. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Assim, a partir da identificação dos elementos que favorecem ou dificultam a apropriação, foi possível gerar diretrizes e estratégias a fim de mitigar os problemas observados, bem como exaltar os fatores que podem favorecer tais atividades.

REFLEXÕES FINAIS

A partir dos levantamentos realizados e das interpretação dos resultados, observa-se que a apropriação do espaço público na Vila Belga está profundamente conectada a fatores físicos, arquitetônicos, sociais e econômicos. A arquitetura do local pode tanto incentivar quanto inibir a permanência, dependendo da presença ou ausência de elementos como bancos, sombra ou acessibilidade. Além disso, as dinâmicas de apropriação variam conforme as condições sensoriais oferecidas pelo ambiente – como iluminação, temperatura e sensação de segurança – que podem enriquecer ou limitar as vivências cotidianas. Reconhecer esses aspectos também auxilia na compreensão de como o suporte espacial e sensorial influencia a experiência.



A partir da pergunta de pesquisa “Como a compreensão sobre a apropriação das ruas pode ser aprofundada através do olhar sobre as particularidades do lugar?”, pode-se perceber que o olhar sobre tais subjetividades possibilitou o aprofundamento e reconhecimento de padrões de apropriação, bem como a identificação de fragilidades e potencialidades, baseadas também nas experiências vividas durante a pesquisa.

Para ser utilizada e apropriada livremente, como lugar da vida pública, é essencial que o espaço da rua proporcione condições necessárias e favoráveis para que as pessoas permaneçam, como destaca Gonçalves (2020). Além disso, devem ainda se sentir seguras e acolhidas para demorar-se em um mesmo ponto por determinado tempo (Gonçalves, 2020).

O procedimento metodológico, baseado no modo de fazer e pensar da cartografia, trouxe também discussões e questionamentos sobre as diferentes abordagens de compartilhar a vivência da cidade, criando novas narrativas e modos alternativos de comunicá-las.

Por fim, foi possível perceber que as ruas da Vila Belga constituem lugares carregados de significado e diversidade, onde tanto os elementos físicos quanto os imateriais desempenham papel fundamental na formação de momentos memoráveis, estimulando experiências individuais ou compartilhadas, que podem mudar a percepção do espaço, transformando ruas em lugares plenos de significado e vivências.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A intuição do instante*. 2. ed. Campinas: Verus, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p.
- GONÇALVES, F. M. *Rua, o lugar da vida pública: conceitos, especificidades e desafios*. 2020. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- HERTZBERGER, H. *Lições de arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JACQUES, P. B. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. *Arquitexto*, Porto Alegre, n. 7, p. 16-25, 2005.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. São Paulo: Autêntica, 2015.

MELLO, L. F. S. *O pensamento utópico e a produção do espaço social: a cooperativa de consumo dos empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.* 2010. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriação do espaço público: alguns conceitos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007.

PALLASMAA, J. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.* Porto Alegre: Bookman, 2011.

QUEIROGA, E. F. *Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros.* 2012. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REDIN, M. Como expandir o mundo a cada vez que o reduzimos: a criação dos intervalos por uma metodologia da constelação. *Revista Artes e Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 153-161, 2013.

ROCHA, E. et al. Cartografias sensíveis na cidade: experiência e resistência no espaço público da região sul do RS. *Revista PIXO*, Pelotas, v. 1, n. 3, p. 148-165, 2017.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.* 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 248 p.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.* Rio de Janeiro: Eduff, 1981. 148 p.

VIANA, C. F. R. *As contribuições de uma publicação institucional para a comunicação organizacional, a memória e o patrimônio cultural do Brigue da Vila Belga.* 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

